

O SOCIALISMO E A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

A. S. Makarenko

A presente edição foi traduzida da versão francesa, que foi traduzida da espanhola. O título do original russo é Conselhos aos Pais. **Editorial Vitória, Rio de Janeiro, 1956**



Quarta Conferência

Os Jogos

Os jogos têm grande importância na vida da criança, a mesma que, para o adulto, assume sua atividade, seu trabalho, sua profissão. No trabalho do adulto reflete-se

frequentemente seu comportamento infantil nos folguedos e é por isso que nestes deve iniciar-se a educação do futuro homem de ação.

A história de todo indivíduo, como participante da vida social e como trabalhador, pode ser prefigurada no desenvolvimento da atividade lúdica e em sua transição progressiva para o trabalho. Esta se processa lentamente.

Na mais tenra infância, a criança dedica-se principalmente a brincar. Os trabalhos que executa são insignificantes e não vão além do limite de alguns serviços consigo mesma: começa a comer sozinha, a proteger-se com a coberta, a vestir as calcinhas. Mas ainda introduz muitos elementos de brincadeira neste trabalho. Em uma família bem organizada estas tarefas tornam-se gradualmente mais complexas, a princípio unicamente para que a criança aprenda a bastar-se a si mesma, e, mais tarde, encarregando-se a criança de trabalhos de importância para toda a família. Mas o entretenimento continua a ser a ocupação favorita da criança, aquilo que a apaixona e que mais lhe interessa.

Na idade escolar o trabalho já ocupa lugar muito importante e envolve maior responsabilidade, já se aproxima bastante da atividade social e está ligado a ideias mais claras e precisas a respeito da vida futura da criança. Nesta fase a criança ainda brinca muito, gosta de brincar e passa mesmo por conflitos bastante complexos por achar os folguedos mais atraentes que o trabalho, por querer abandonar o trabalho para brincar. Se tais conflitos surgem, isto quer dizer que não se processa bem a educação da criança no que diz respeito aos jogos e ao trabalho, que os pais cometeram erros de orientação. Isto torna evidente a importância de orientar com acerto os jogos infantis.

Na vida real encontramos muitos adultos que deixaram a escola há tempos, mas que preferem as diversões ao trabalho. Deve-se incluir nesta categoria aqueles que procuram sempre novos prazeres e esquecem seu trabalho, bem como os que assumem poses e ares de importância, os que vivem brincando e os que mentem a todo pretexto. As pessoas dessa natureza transplantaram seus hábitos no brincar para a vida séria, sem que os mesmos se transformassem adequadamente em hábitos de trabalho. Isto quer



dizer que foram mal educados e está má educação se expressou principalmente na má organização da atividade lúdica.

Tudo o que dissemos não significa em absoluto que se deva afastar a criança dos folguedos o mais cedo possível para encaminhá-la aos esforços e preocupações do trabalho. Essa mudança não lhe faria nenhum bem, representa para ela uma coerção, faria com que perdesse o gosto pelo trabalho e fortaleceria seu desejo de brincar. A educação de um futuro homem de ação consiste não em afastá-lo dos folguedos, mas em organizá-los de tal modo que as brincadeiras não passem de brincadeiras e, ao mesmo tempo, permitam formar as qualidades do homem de amanhã.



Para bem orientar a atividade lúdica da criança e saber educar por seu intermédio, os pais devem refletir sobre o assunto, saber em que ela consiste e em que se distingue do trabalho. Se os pais não pensarem neste assunto não saberão guiar a criança e se perderão em detalhes, mimarão a criança ao invés de educá-la.

Digamos antes de mais nada que entre o trabalho e os folguedos a diferença é menor do que parece.

Brincar bem muito se assemelha a trabalhar bem, e vice-versa. Esta semelhança é muito grande e podemos dizer, também, que trabalhar mal se parece mais com brincar mal do que com trabalhar bem. Todo folguedo benéfico exige esforços físicos e mentais. Se comprais para a criança um ratinho mecânico e passais o tempo a dar-lhe corda para fazê-lo correr, enquanto a criança assiste e se diverte, nada de bom haverá nesse passatempo. A criança permanece passiva, sua participação se limita a assistir de boca aberta. Se vosso filho só se interessa por brincadeiras desse gênero, tornar-se-á um homem passivo, habituado a apreciar o trabalho alheio, carente de iniciativa, desprovido do costume de criar, de vencer dificuldades. Brincar sem esforço, sem participação ativa é sempre brincar mal. Como vedes, sob este aspecto, os entretenimentos assemelham-se ao trabalho.

Brincar proporciona alegria à criança, a alegria de criar, de vencer ou a do prazer estético, da qualidade. Trabalhar bem proporciona esta mesma alegria. Nisso também, a analogia é completa.

Alguns pensam que a diferença entre trabalhar e brincar consiste em que o trabalho implica em responsabilidade. Não é exato. Ambos implicam na mesma responsabilidade, desde que, é claro, se trate de uma atividade lúdica correta, coisa de que falaremos adiante.

Em que, pois, se distingue o folguedo do trabalho? A única diferença existente é que o trabalho representa a participação do homem na produção, na criação de valores materiais ou culturais, ou seja, de valores sociais. A atividade lúdica não tem tais objetivos, não se relaciona com os objetivos sociais de forma direta, mas, indireta, habituando o homem aos esforços físicos e psíquicos indispensáveis ao trabalho.

Agora já podemos perceber claramente o que se deve exigir das crianças ao orientar os jogos infantis. Em primeiro lugar, deve-se velar para que eles não se tornem a única aspiração da criança, que está não os desligue inteiramente das finalidades sociais. Em segundo lugar, deve-se cultivar por meio dos folguedos os hábitos físicos e psíquicos indispensáveis ao trabalho.

O primeiro objetivo é alcançado, como já dissemos, orientando-se progressivamente a criança para o domínio do trabalho, que lenta e inelutavelmente deve substituir a brincadeira. O segundo objetivo é atingido por meio da orientação correta dos próprios folguedos, por sua escolha acertada e pelo auxílio que durante eles se presta à criança.

Nesta conferência, falaremos somente do segundo objetivo. O problema de educar para o trabalho será tratado em outra.

Frequentemente os pais incorrem em erros ao orientar os jogos infantis. Esses erros são de três tipos. Certos pais simplesmente não se interessam pelo assunto e acham que a criança sabe espontaneamente como se divertir melhor. Seus filhos brincam como e quando querem, escolhem seus próprios brinquedos e organizam sozinhos seus folguedos. Outros pais dão muita atenção, talvez mesmo excessiva, às brincadeiras de seus filhos, interferem nelas, dão indicações, explicam, impõem regras,

se antecipam à criança na solução dos problemas, fazendo assim com que a criança se limite a escutar os pais e a imitá-los. Nesse caso os pais brincam mais do que a própria criança. Numa família desse tipo, quando a criança encontra dificuldade em fazer alguma coisa, o pai ou a mãe lhe dizem: «Não é assim que se faz. Deixe que eu lhe mostre? Se a criança recorta papel, o pai ou a mãe observam seus esforços durante algum tempo, terminando por tomar-lhe a tesoura, dizendo; «Deixe que eu recorto. Olhe como ficou bonito» A criança olha e observa que realmente o que o pai fez é mais bonito; entrega-lhe outra folha e pede que faça outro recorte, e o pai cede pressuroso, satisfeito com seu êxito. Nestes casos, os filhos se limitam a imitar os pais, não se habituem a vencer as dificuldades, não se esforçam por conseguir melhorar a qualidade de seu trabalho e desde cedo se habituem a pensar que somente os adultos são capazes de tudo fazer bem. Em tais crianças desenvolve-se a falta de confiança em si mesmas e o temor do fracasso.

Outros pais imaginam que o importante é que haja muitos brinquedos, gastam muito comprando toda espécie de brinquedos e o lugar onde a criança brinca fica parecendo um bazar. Esses pais geralmente gostam de brinquedos mecânicos engenhosos e enchem com eles a vida do filho. Desse medo, no melhor dos casos, convertem-no num colecionador e, no pior — que é o mais frequente — a criança deixa um brinquedo por outro, sem nenhum interesse, estraga e quebra os brinquedos, e exige outros novos.

Para que a atividade lúdica seja bem orientada, é mister que os pais atuem de modo cuidadoso e refletido.

Os jogos infantis atravessam vários estágios. No primeiro a criança brinca dentro de casa; é a época do brinquedo e dura até cinco ou seis anos. Caracteriza-se pelo fato de que a criança prefere brincar sozinha, aceita raramente a participação de um ou dois companheiros, apega-se a seus brinquedos e não brinca de boa vontade com o brinquedo dos outros. Não se deve temer que a criança que brinca sozinha se torne egoísta. É a etapa da experimentação sensível e do desenvolvimento das aptidões pessoais. Deve-se dar à criança a possibilidade de brincar só, mas cuidando de que esta

etapa não se prolongue em demasia, e de que a criança passe no seu devido tempo para a segunda etapa.

Essa preferência por entreter-se sozinha transforma-se, mais cedo ou mais tarde, conforme a criança, em interesse pelos companheiros ou pelos jogos coletivos. Deve-se auxiliar a criança a efetuar essa passagem com o máximo proveito. A ampliação do círculo de companheiros deve processar-se nas circunstâncias mais favoráveis. Geralmente essa mudança se efetua sob a forma de um aumento do interesse da criança pelos brinquedos movimentados, ao ar livre. É interessante que no grupo exista uma criança maior, com autoridade sobre as outras, e que possa organizar os menores.

O segundo estágio dos jogos infantis é mais difícil de orientar porque nele as crianças já não brincam sob as vistas dos pais, pois já ingressaram num campo social mais amplo. Ele se prolonga até onze ou doze anos, abarcando parte do tempo passado na escola. A escola proporciona maior número de companheiros, um círculo de interesses mais amplo e um campo mais difícil, especialmente para as atividades lúdicas. Em compensação, oferece uma organização pronta, melhor definida, um regime mais preciso e mais fixado e, principalmente, o auxílio de educadores mais qualificados. No segundo estágio, a criança já é membro da sociedade, uma sociedade infantil, é verdade, não submetida a uma disciplina severa nem a um controle social. A escola fornece uma e outra coisa. Ela é, portanto, a forma de transição ao terceiro estágio da atividade lúdica.

No terceiro estágio, a criança já é membro da coletividade, que, aliás, não é apenas de folguedos, mas uma coletividade de ocupações comuns e de estudo. Por essa razão, nessa etapa, os jogos assumem formas coletivas mais severas e se tornam gradualmente desportivos, isto é, ligados a objetivos precisos de cultura física, a regras e, o que é mais importante ainda, a noções de interesses e de disciplina coletivos.

A influência dos pais tem enorme importância nesses três estágios de desenvolvimento dos jogos. Evidentemente, sua influência é primordial no primeiro, quando a criança não participa de nenhuma coletividade, senão a familiar, e não recebe diretivas outras que não a dos pais. Mas a influência destes pode ser muito grande e muito útil igualmente nos outros estágios.

Durante a primeira fase, o centro material da atividade lúdica são os brinquedos, dos quais existem diferentes tipos:

- O brinquedo pronto, simples ou mecânico como automóveis, barcos, cavalos, bonecas, ratinhos, polichinelos, etc.;
- Brinquedos semiprontos que a criança deve terminar: estampas com perguntas, quebra-cabeças, cubos, blocos para construção, modelos para montar, etc.;
- Materiais para brincar: argila, areia, cartolina, mica, madeira, papel, plantas, arame, pregos, etc.

Cada uma destas categorias possui suas qualidades e seus defeitos. O brinquedo pronto tem a vantagem de familiarizar a criança com coisas e noções complexas, de introduzi-la nas questões técnicas e domésticas; os brinquedos desse gênero provocam maior atividade e despertam a imaginação. Uma locomotiva nas mãos de um menino volta seus pensamentos para a questão dos transportes; um cavalo faz pensar na vida dos animais e em problemas como sua alimentação e sua utilidade.

Os pais devem cuidar de que a criança observe os aspectos sugestivos dos brinquedos e não se distraia apenas com um deles, como seu caráter mecânico ou com o fácil manejo. É particularmente importante conseguir que a criança não se gabe de que o pai ou a mãe lhe comprou um brinquedo complicado ou muitos brinquedos, enquanto as outras crianças só têm poucos. Em geral, tais brinquedos só são úteis quando a criança realmente brinca com eles e não se limita a guardá-los egoisticamente, a fim de vangloriar-se diante dos vizinhos e também se não se limita a observar simplesmente seus movimentos, mas os aproveita num empreendimento mais complexo. Assim, os automóveis devem transportar alguma coisa, o polichinelo deve viajar ou fazer algo, os bonecos devem dormir e velar, vestir-se ou desnudar-se, fazer visitas ou realizar qualquer tarefa útil no mundo dos brinquedos. Estes contêm imensas possibilidades para a fantasia infantil e quanto mais se aprofunde e se desenvolva esta atividade, melhor é. Se o urso serve apenas para ser atirado de um para o outro lado, sem nenhuma finalidade, a coisa não vai bem. Mas, se vive num lugar especialmente preparado para ele, se atemoriza alguém ou se torna amigo de outro brinquedo, o folguedo já é mais proveitoso.

O segundo tipo de brinquedo tem de bom o fato de apresentar um problema à criança. Geralmente é um problema cuja solução exige certo esforço e que a criança não teria pedido formular por si mesma. Sua solução já exige notável disciplina de pensamento, certa lógica, determinada compreensão das relações entre os fatos e não apenas imaginação. O defeito desses brinquedos é apresentar sempre o mesmo problema, o que os torna monótonos e cansativos pela repetição.

Os brinquedos da terceira categoria — materiais diversos — são os mais baratos, porém os mais fecundos. São os mais próximos da atividade humana normal, pois é com esses materiais que o homem cria os valores e a cultura. Se a criança sabe valer-se deles, revela já possuir uma elevada capacidade de brincar e nela se desenvolve uma atividade cultural mais elevada. Os materiais para brincar possuem muito realismo sadio e, ao mesmo tempo, abrem amplas perspectivas para a imaginação, não a simples imaginação, mas a verdadeira fantasia criadora. Com um pedaço de vidro ou de mica, pode-se fazer uma janela, mas para isto necessita-se do caixilho, o que suscita o problema da construção de uma casa. Se se dispõe de argila e de pequenas plantas, pode-se pensar num jardim.

Qual é o melhor tipo de brinquedo? Pensamos que a melhor solução é combinar os três tipos, sem nunca exagerar. Se o menino ou a menina têm dois ou três brinquedos mecânicos, não necessitam de mais. Acrescentai a isso um brinquedo desmontável, a maior variedade possível de materiais, e o reino dos jogos estará organizado. A superabundância é prejudicial, porque a criança se dispersa e desorienta. Deveis dar poucas coisas, mas conseguir que a criança organize com elas sua brincadeira. Em seguida observai-a, atentai, sem vos fazerdes notar, velai para que ela própria sinta a insuficiência e cuide de saná-la. Se comprastes um pequeno cavalo, e a criança estiver interessada pelo problema do transporte, logo sentirá falta de uma charrete ou de uma carroça. Não vos apresseis em adquiri-la, mas procurai fazer com que ela consiga desembaraçar-se com caixas, carretéis, e cartolina. Se isto for conseguido, perfeito! o objetivo terá sido alcançado. Mas, se ainda necessitar de outras charretes, e lhe faltarem materiais, não é indispensável que ela própria as fabrique, podereis comprá-las. O principal é conseguir:

1. Que a criança brinque realmente, crie, construa, combine;
2. Que não se lance de uma tarefa a outra, sem terminar o que começou, mas que leve até o fim o que empreendeu;
3. Que compreenda o valor determinado e útil de cada brinquedo, que cuide dele e o guarde. Deve haver ordem no reino dos brinquedos; eles devem ser arrumados, não devem ser quebrados e, quando isto acontecer, devem ser consertados; se o conserto for difícil, os pais ajudarão.

Os pais devem prestar muita atenção à atitude da criança para com o brinquedo. A criança não deve quebrar seus brinquedos, mas amá-los, sem que sofra indefinidamente se o brinquedo se estraga ou quebra.

Este objetivo será alcançado se a criança chegar a se considerar como um bom proprietário que não teme um desajuste e sente-se capaz de repará-lo. A tarefa do pai e da mãe é saber sempre auxiliar a criança em tais casos, evitando que se desespere e demonstrar-lhe que a inventiva e o trabalho humanos permitem reparar a situação. Partindo daí, recomendamos aos pais cuidar sempre do conserto dos brinquedos e não jogá-los fora antes do tempo.

Durante os jogos, os pais devem deixar a criança na maior liberdade possível, enquanto o folguedo se processar normalmente. Se se apresenta alguma dificuldade, ou se o brinquedo é simples demais, sem interesse, deve-se ajudar a criança, incentivá-la, formular um problema interessante, acrescentar um elemento novo, um material interessante, ou mesmo, participar do jogo.

São estes os aspectos gerais de nossos princípios relativos ao primeiro estágio da atividade lúdica.

No segundo estágio, exige-se principalmente atenção por parte dos pais. Vosso filho desceu para o pátio ou reuniu-se a um grupo de meninos? Deveis examinar atentamente quem são esses meninos. Vossa filha quer encontrar outras meninas? Deveis saber quem são elas. Deveis conhecer as inclinações de vosso filho, seu meio, o que lhe falta e a que pode haver de mau nos folguedos. Frequentemente acontece que a atenção ou a iniciativa de um pai ou mãe modifica em sentido positivo a vida de todo um grupo de crianças. As vezes as crianças gostam de deslizar por um monte de neve regelada. Nesse

caso convém entender-se com os outros pais e, se isso não for possível, arranjai tempo para construir vós próprios uma pista verdadeira. Construí para vosso filho um pequeno trenó e vereis que os outros conseguirão a mesma coisa. Nesta fase da atividade lúdica, as relações entre os pais são extremamente úteis e importantes; infelizmente, raras vezes os pais entram em contato. Há pais que não estão satisfeitos com o comportamento de seus filhos fora de casa, mas não se dão ao trabalho de conversar com os outros pais a fim de programar algo para melhorar esta situação, coisa que, no entanto, é fácil e está ao alcance de todos.

Nessa época as crianças já constituem um simulacro de coletividade e seria muito útil que os pais a pudessem dirigir, organizando-se. Nesse estágio as crianças frequentemente discutem, brigam e fazem queixa uma da outra. Comete um erro o pai que toma imediatamente o partido de seu filho e entra em discussão com o pai do outro. Se a criança chegou chorando, sentindo-se ofendida, ou se sofre e está colérica, o pai não deve irritar-se e brigar com o agressor e seus pais. Primeiro convém interrogar calmamente a criança, procurando formar uma ideia exata do que se passou. É difícil que só uma das partes tenha culpa. Provavelmente o ofendido também agiu de modo exaltado. É útil então explicar à criança que é preciso saber ceder e procurar soluções pacíficas para os conflitos. Procure-se reconciliar a criança com seu rival, que deverá ser convidado à casa, procure-se travar conhecimento com seus pais e esclarecer a questão até o fundo. Neste assunto, o mais importante é que não se leve em conta exclusivamente o próprio filho, mas todo o grupo e que se eduque todo o grupo com o auxílio dos outros pais. Só agindo desse modo é que se pode ser útil ao filho. A criança compreenderá que o pai não se deixa cegar pela parcialidade de família, que atua com critério social e tomará isto como regra de conduta.

Nada é pior do que a agressividade aberta dos pais em relação a uma família vizinha. Isto desenvolve na criança o ódio, a desconfiança, o egoísmo feroz e cego.

No terceiro estágio, a orientação dos jogos já não depende dos pais, mas da escola e da organização desportiva. No entanto, os pais têm muitas possibilidades de influir favoravelmente sobre os filhos. Antes de mais nada, deve-se velar para que o interesse pelo esporte não se transforme em paixão, sugerindo ao filho outras formas de

atividade. Além disso, não se deve estimular nos filhos o orgulho pelo êxito pessoal, mas pelo de sua equipe ou organização. É necessário também moderar a vangloria e inculcar o respeito pela força do adversário, dirigir a atenção para a organização, o treino e a disciplina da equipe. Finalmente, deve-se conseguir uma atitude serena diante das vitórias e das derrotas.

Nesse estágio é muito bom que os pais travem conhecimento com os companheiros de equipe de seus filhos e filhas.

Nos três estágios os pais devem zelar de perto para que o jogo não absorva toda a vida espiritual da criança, a fim de que seus hábitos de trabalho se desenvolvam paralelamente. Os filhos devem ser educados de tal modo que busquem satisfações mais completas que as da contemplação passiva ou do simples prazer. Deve-se ensinar os filhos a vencer as dificuldades corajosamente, desenvolvendo sua imaginação e seu entusiasmo. No segundo e no terceiro estágio não se deve esquecer que o filho já está ingressando na sociedade. Não se deve exigir apenas que saiba brincar e jogar bem, mas que se comporte devidamente em relação aos outros.

Resumamos o que dissemos nesta conferência.

- Os entretenimentos têm grande importância na vida do homem. Constituem a preparação para o trabalho e devem ser gradualmente substituídos pelo trabalho.
- Muitos pais não dão atenção suficiente à orientação a ser impressa aos jogos. Quer abandonam a criança a si mesma, quer acumulam-na de atenções e de brinquedos supérfluos.
- Os pais devem recorrer a métodos diferentes nas diversas etapas da atividade lúdica, mas sem cercear as possibilidades de iniciativa e de harmonioso desenvolvimento de suas aptidões, sem que isto signifique renunciar a ajudar os filhos quando necessário.
- No segundo e no terceiro estágios, as preocupações dos pais devem voltar-se não tanto para a orientação da atividade lúdica, mas de preferência para as relações dos filhos com os outros indivíduos e com a coletividade a que pertencem.

Sexta Conferência

Educação para o Trabalho



Não se pode conceber uma educação soviética correta que não seja uma educação dos hábitos de trabalho. O trabalho sempre foi fundamental na vida do homem para assegurar seu bem-estar e sua cultura.

Em nosso país, o trabalho deixou de ser um objeto de exploração e converteu-se numa questão de honra, de glória, de valor, de heroísmo. Nosso Estado é um Estado de trabalhadores e inscreveu em sua Constituição: «Quem não trabalha não come»

Por isso o trabalho deve ser também um dos elementos básicos da educação. Procuraremos analisar pormenorizadamente o sentido e o alcance da educação para o trabalho, na família.

1

Os pais nunca devem esquecer que seu filho será membro de uma sociedade de trabalhadores e que seu papel nesta sociedade, seu valor como cidadão dependerão exclusivamente do grau de sua participação no trabalho. Seu bem-estar e seu nível material de vida também dependerão de sua contribuição, pois nossa Constituição estabelece: «De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho»

Sabemos que, por natureza, todos os indivíduos possuem aproximadamente as mesmas possibilidades de trabalho, mas que na vida real, uns trabalham melhor, outros pior; enquanto uns são capazes de realizar apenas tarefas muito simples, outros podem efetuar trabalhos mais complexos e, por conseguinte, de mais valor. Estas diferentes capacidades de trabalho não são inatas, se educam durante a vida, especialmente durante a juventude.

Disso resulta que a preparação para o trabalho, a formação das qualidades de trabalho do homem não representam apenas a preparação e educação de um futuro bom ou mau cidadão, mas significam a formação de seu futuro nível de vida, de seu bem-estar.

2

Pode-se trabalhar por necessidade vital. Na história da humanidade o trabalho teve quase sempre um caráter coercitivo, de esforço penoso, necessário para não se morrer de fome. Mas, desde os tempos antigos, os homens procuravam não ser apenas força de trabalho, mas uma força criadora. Nem sempre isto lhes foi possível, nas condições de desigualdade e de exploração de classe.

No Estado soviético, todo trabalho deve ser um trabalho criador, pois todo ele se volta para a criação de riquezas sociais e culturais. Ensinar a trabalhar criadoramente é tarefa particular do educador.

O trabalho criador só é possível quando o homem trabalha com amor, quando o homem sente real prazer em seu trabalho e compreende a utilidade e a necessidade desse trabalho, quando este se torna para ele uma forma fundamental de expressão de sua personalidade e de seu talento. Somente quando se formou profundo hábito de esforço de trabalho é possível esta atitude relativamente ao trabalho; nesse caso, nenhuma tarefa se torna difícil quando possui um sentido.

O trabalho criador é completamente impossível nos homens que têm medo de trabalhar, que temem a sensação de esforço, e receiam em suma o suor em sua fronte e que procuram constantemente se verem livres do trabalho o mais depressa possível para poderem fazer outra coisa, que, imediatamente começada, deixa de atraí-los.

3

Ao comunicar-se o hábito e o prazer do esforço, não se está apenas educando o homem para o trabalho, mas formando-se, também o camarada, isto é, preparando-se relações justas entre os homens. É também uma formação moral. Na União Soviética, o homem mais imoral é aquele que procura a cada passo se furtar ao trabalho, que se limita tranquilamente a observar como trabalham os outros e exploram os frutos de seus esforços.

Pelo contrário, os esforços de trabalho em comum, o trabalho coletivo, a ajuda mútua no trabalho e a interdependência constante dos trabalhadores só podem criar sadias relações entre os homens, relações estas que não consistem unicamente em consagrar à sociedade todas as suas forças, mas em exigir o mesmo esforço da parte dos outros, em não tolerar parasitas a seu lado. Unicamente a participação no trabalho coletivo permite que o homem mantenha relações corretas com os outros homens: afeição e amizade familiar para com todo homem trabalhador, indignação e repúdio para com o preguiçoso, o homem que foge ao trabalho.

4

Seria falso crer que a educação dos hábitos de trabalho só desenvolve os músculos e as qualidades dos sentidos (visão, tato, habilidade manual).

O desenvolvimento físico no trabalho tem evidentemente também grande significação: é um elemento importante e indispensável da cultura física, mas a sua utilidade principal é o desenvolvimento psíquico e espiritual do indivíduo. É esse desenvolvimento espiritual produzido por um trabalho harmonioso que distingue o cidadão de uma sociedade sem classes do cidadão de uma sociedade dividida em classes.

5

É indispensável assinalar outra particularidade, à qual infelizmente pouca importância é dada entre nós: o trabalho não tem apenas importância social e produtiva, tem grande importância também na vida individual.

Vemos o quanto são felizes e alegres os homens que sabem fazer muitas coisas, que têm êxito em tudo e que prosperam em tudo, que são capazes e serenos, que sabem dominar e governar as coisas. Ao contrário, nos inspiram pena as pessoas que se detêm ante o menor obstáculo, que não sabem bastar-se a si próprios, mas vivem precisando dos caridosos serviços e da ajuda dos outros, e se ninguém as ajuda, vivem incomodamente, sem conforto, na sujeira e na desordem.

Estas coisas precisam ser bem meditadas pelos pais, que verão, a cada passo, em sua vida e na de seus amigos, a confirmação da grande importância de que se reveste a educação dos hábitos de trabalho. Em sua tarefa de educadores, os pais jamais devem esquecer-se deste princípio. É, na verdade, difícil proporcionar aos filhos uma educação profissional no seio da família, pois que está carece dos recursos necessários para isto; ela se obtém nas organizações do Estado: escola, fábrica, administração e universidade. À família não cabe, em nenhum caso, dar às crianças uma qualificação nesta ou naquela especialidade.

Antigamente, se o pai era sapateiro, o filho devia aprender o mesmo ofício; se era carpinteiro, o filho também devia aprender carpintaria. As filhas, como se sabe, eram sempre destinadas a ser donas de casa e não podiam ambicionar mais nada.



www.averdade.org.br

Agora é o Estado que se preocupa em dar qualificação aos futuros cidadãos; ele dispõe, para isto, de inúmeros Institutos poderosos e bem aparelhados.

No entanto, não devem os pais pensar que a educação familiar nada tem a ver com a qualificação. Ao contrário, é precisamente a preparação familiar que tem a maior importância na qualificação futura do indivíduo. A criança que no seio de sua família foi educada para o trabalho está melhor preparada para adquirir uma especialização. Ao contrário, as crianças que não se educaram para o trabalho dentro de suas famílias não poderão, por si só, alcançar qualquer qualificação; sofrerão frequentes fracassos e se tornarão maus trabalhadores apesar dos esforços dos organismos públicos.

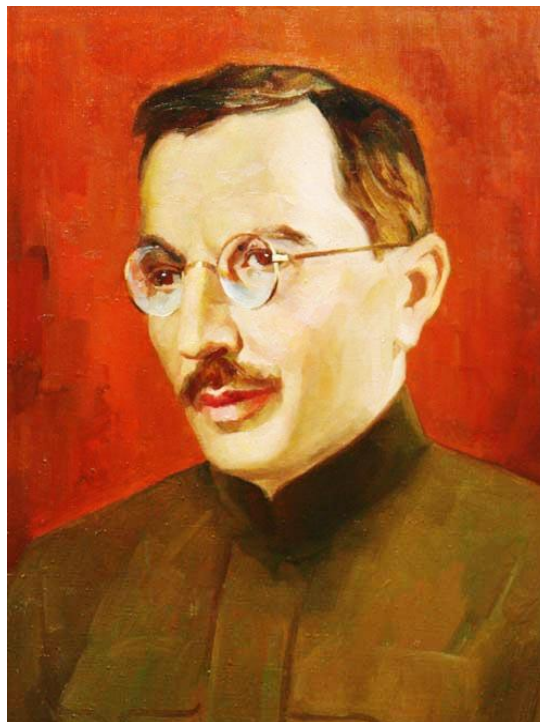
Os pais também não devem pensar que entendemos por trabalho apenas o esforço físico, o trabalho muscular. Com o desenvolvimento da produção, o trabalho físico vem perdendo pouco a pouco sua antiga importância na vida social. O Estado soviético se esforça por abolir completamente o trabalho físico penoso. Já vemos, na construção, os tijolos serem transportados por máquinas, e se tornar cada vez mais desnecessário o transporte manual. Em nossas fábricas, principalmente nas construídas depois da Revolução, já desapareceu inteiramente todo trabalho físico penoso.

O homem domina cada vez melhor imensas forças físicas organizadas, para o que se exige dele crescente desenvolvimento não físico, mas intelectual: organização, atenção, previsão, inventiva, presença de espírito, mestria.

Nosso movimento [stakhanovista](#), um dos mais notáveis fenômenos de nossa pátria, não representa absolutamente a mobilização das forças físicas da classe operária, mas, justamente, a mobilização criadora de suas forças morais, libertadas da opressão pela Grande Revolução Socialista. O verdadeiro [stakhanovista](#) não deposita grande confiança em seus músculos, mas organiza seu êxito empregando novos métodos para dispor o material e preparar os instrumentos, pondo em prática novos arranjos, novos métodos de trabalho. Que os pais não o esqueçam. Não devem educar em sua família homens de força bruta, mas [stakhanovistas](#), homens aptos ao trabalho e aos êxitos socialistas.

Por isto, não devemos pensar que existem, na educação, diferenças fundamentais entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. A organização do trabalho, seu lado

mais humano, existe tanto no trabalho intelectual como no manual. Se confiamos ao menino ou à menina apenas uma coisa a fazer, sempre a mesma, um trabalho físico que só dependa de energia muscular, este trabalho terá uma diminuta significação pedagógica, se bem que não se possa dizer que este esforço tenha sido inteiramente inútil. A criança se habituará ao esforço de trabalho, participará do trabalho social, educar-se-á normalmente trabalhando como todo o mundo. Mas, não será uma educação [stakhanovista](#), se não acrescentarmos a este esforço de trabalho, tarefas interessantes e organizadas.



Passaremos a falar sobre um aspecto do método que possui grande importância na educação para o trabalho: é preciso que se encarregue a criança de uma tarefa para cuja realização ela deva escolher um processo de trabalho. Esta tarefa não deve ser realizada num prazo curto de um ou dois dias. Pode ter um caráter mais prolongado que exija meses ou anos. O que importa é deixar à criança uma certa liberdade na escolha dos meios e que essa tarefa envolva uma certa responsabilidade e exija qualidade no trabalho. Isto é muito mais proveitoso do que dizer: «Eis um espanador, tira o pó da sala e fá-lo deste ou daquele modo»

É melhor confiar à criança a limpeza de uma peça determinada da casa, e deixá-la escolher sozinha o modo de fazê-la. No primeiro caso, indicamos à criança uma tarefa puramente muscular, e no segundo, lhe colocamos um problema de organização, o que é muito mais útil e elevado.

Por conseguinte, quanto mais complexa e independente for a tarefa, maior será seu valor pedagógico. Muitos pais não se dão conta disto. Confiam ao filho tal ou qual trabalho mas se perdem nos menores detalhes: mandam o filho ou a filha comprar-lhes

uma coisa no armário, quando teria sido melhor confiar-lhe uma tarefa contínua, como, por exemplo, a de zelar para que não falte sabão ou pasta de dentes para a família.

A participação da criança nas tarefas familiares deve começar bem cedo. Ela se iniciará nos brinquedos. Deve-se mostrar à criança que ela é responsável por seus brinquedos, pela limpeza deles e pela ordem do lugar onde se entretém e onde os guarda. Esse trabalho deve ser-lhe proposto de forma geral: tudo deve estar limpo, as coisas em ordem, não se deve derramar água, os brinquedos não devem estar cheios de pó. Pode-se, é certo, indicar-lhe como fazer algumas coisas, mas seria bom que a criança adivinhasse por si mesma que é preciso um pano limpo para tirar o pó, que é necessária pedi-lo à mãe, conservá-lo limpo, que precisa pedir um bom esfregão, etc.... Da mesma forma deve competir-lhe, na medida de suas forças, bem entendido, o conserto de seus brinquedos com os materiais colocados à sua disposição.

As tarefas podem ir-se tornando cada vez mais complexas, desligando-se dos folguedos. Enumeremos alguns aspectos do trabalho infantil, deixando a cada família o cuidado de corrigir ou estender nossa lista, de acordo com suas condições de vida e a idade das crianças:

1. — Regar as plantas de seu quarto ou de toda a casa.
2. — Tirar o pó do parapeito das janelas.
3. — Arrumar a mesa para as refeições.
4. — Encher os saleiros e as pimentadeiras.
5. — Cuidar do escritório do pai.
6. — Cuidar da estante de livros ou do armário e conservá-los em ordem.
7. — Receber os jornais e colocá-los no lugar, separando-os dos velhos.
8. — Dar comida ao gatinho ou ao cachorrinho.
9. — Limpar a pia, comprar sabão, pasta de dentes e as lâminas de barba do pai.
10. — Encarregar-se da arrumação de um quarto ou de uma parte do quarto.
11. — Repregar os botões de sua roupa e manter em ordem a caixa de costura.
12. — Responsabilizar-se pela ordem do armário da sala.
13. — Escovar as roupas do irmão ou da mãe e do pai.
14. — Adornar o quarto com retratos, cartões postais ou quadros.
15. — Quando a família tem uma horta ou uma estufa, se responsabilizar por um canteiro, semeando, cultivando e colhendo.
16. — Zelar para que a casa esteja sempre florida (se necessário, ir à cidade comprar flores, o que será feito pelas crianças mais velhas).

17. — Se o apartamento tem telefone, tomar nota dos recados e manter o caderno de endereços em dia.
18. — Ter o itinerário dos transportes e poder indicar o meio de chegar aos diversos lugares onde a família costuma ir mais frequentemente.
19. — Quando a criança é mais velha, deve organizar sozinha os passeios da família ao teatro ou ao cinema, estar a par dos programas, comprar as entradas, guardá-las, etc.
20. — Manter arrumada a farmácia da casa e cuidar de que não falte nada.
21. — Cuidar para que não haja insetos na casa: pulgas, percevejos. Tomar medidas enérgicas para eliminá-los.
22. — Ajudar a mãe ou a irmã nos trabalhos domésticos.

Cada família encontrará muitas ocupações semelhantes, mais ou menos divertidas ou complicadas. É evidente que não se pode sobrecarregar de trabalho a criança, mas em todo caso, é necessário que não salte aos olhos uma diferença muito grande entre as responsabilidades domésticas dos pais e as das crianças. Se o pai ou a mãe estão doentes, os filhos devem ser levados a ajudá-los. Ocorre diferentemente quando a família tem uma auxiliar doméstica: as crianças se habituem completamente a contar com o seu trabalho, em coisas que elas próprias pediam fazer. Os pais devem controlar cuidadosamente isto e obter que a auxiliar doméstica não faça as tarefas que a criança possa assumir.

É preciso sempre lembrar que as crianças já podem estar sobrecarregadas de trabalhos escolares. Evidentemente este é o trabalho mais importante, o primeiro de todos. As crianças devem compreender que ao cumprir o trabalho escolar, não estão apenas se desincumbindo de uma função pessoal, mas de uma função social, e que não é só diante dos pais que elas respondem por seus êxitos, mas diante do Estado. De outro lado, não é justo que só deem valor a seu trabalho escolar e negligenciem todos os outros. A dedicação exclusiva ao trabalho escolar é perigosa porque faz nascer na criança um desprezo total pela vida e o trabalho da coletividade familiar. A atmosfera de coletividade deve sempre ser visível na família e se manifestar o mais frequentemente possível na ajuda mútua de seus integrantes.

Como se pode e se deve provocar na criança um esforço de trabalho? Nas mais variadas formas. Na primeira infância é preciso, bem entendido, sugerir e mostrar muitas coisas à criança, mas em geral a fórmula ideal consiste em que ela note por conta

própria a necessidade de fazer um determinado trabalho, veja que a mãe ou o pai não têm tempo de fazê-lo e procure por iniciativa própria ajudar à coletividade familiar. Desenvolver a boa vontade para o trabalho e a atenção às necessidades do grupo familiar é educar um verdadeiro cidadão soviético.

Acontece, por vezes, que uma criança, por sua inexperiência ou má orientação, não possa notar por si própria a necessidade de um determinado trabalho. É necessário, então, indicar-lhe habilmente, de modo que ela possa determinar sua atitude para com a tarefa e tomar parte em sua solução. Frequentemente isto é feito do melhor medo, suscitando um simples interesse técnico pelo trabalho, mas não se pode abusar de tal processo, pois a criança deve saber executar as tarefas que não a interessam particularmente e que, naquele instante, lhe parecem mesmo sem interesse. De um modo geral, deve-se educá-la de modo que o aspecto decisivo do esforço de trabalho não seja o divertimento, mas a utilidade, a necessidade. Os pais devem desenvolver na criança a capacidade de executar, pacientemente e sem reclamar, tarefas desagradáveis. À medida que a criança se desenvolve, o trabalho mais desagradável termina por lhe trazer alegria, se sua utilidade social é evidente.

Quando a necessidade ou o interesse não são suficientes para despertar na criança o desejo de fazer um esforço, recorrer-se-á ao pedido. Esta forma de se dirigir à criança distingue-se das outras porque a deixa inteiramente livre para escolher. É desse modo que se concebe um pedido. É preciso mesmo que se o formule de tal modo que a criança pense que realizou a tarefa por vontade própria, sem nenhuma pressão. É preciso dizer: «Tenho algo a pedir-te, é difícil, sei que tens outras coisas a fazer... mas...»

O pedido é a melhor e a mais suave maneira de se proceder, mas é preciso não abusar, é preferível se recorrer a ele quando se tem certeza de que a criança o executará com prazer.

Se tendes dúvida a respeito, recorrei a uma ordem simples, calma, não tem seguro e prático. Se, desde a primeira idade, sois hábil em alternar ordens e pedidos, e se sobretudo sabeis despertar a iniciativa pessoal da criança, se vós a habituais a sentir por si só a necessidade da tarefa e a executá-la de boa vontade, sabereis dar vossas ordens

com suavidade, mas, se negligenciais vossas tarefas educativas, ser-vos-á necessário recorrer à coerção.

A coerção pode ter diferentes formas: da repetição simples de uma ordem à reiteração imperiosa e exigente. Em todos os casos, nunca se deve recorrer à coerção física, pois é o que menos convém e só pode despertar o desgosto pela tarefa.

O que mais preocupa os pais é o que fazer com uma criança preguiçosa. É preciso que se diga que só raramente a preguiça ou o desgosto por um esforço físico se explicam por um mau estado de saúde, pela fraqueza física ou a falta de entusiasmo. Nesse caso, é evidente ser melhor consultar um médico. Mas, na maioria dos casos, a preguiça se deve a um mau hábito que se inicia quando os pais não desenvolvem a energia da criança, desde a idade mais tenra, não a habituam a superar as dificuldades, não despertam seu interesse pelas tarefas domésticas, não a acostumam ao trabalho nem às satisfações que ele proporciona.

Só existe um meio de lutar contra a preguiça, ou seja atrair progressivamente a criança para a atividade, despertando lentamente seu interesse pelo trabalho.

Mas, ao mesmo tempo que se luta contra a preguiça, é necessário lutar também contra os outros defeitos. Existem crianças que realizam qualquer tipo de trabalho, mas sem entusiasmo, sem interesse, sem satisfação ou alegria. Trabalham porque querem evitar aborrecimentos ou queixas, etc. Esse trabalho lembra frequentemente o esforço dos animais de carga. Trabalhadores desse tipo podem perder todo controle de seu trabalho, habituar-se a não exercer seu senso crítico: tornam-se em consequência, homens que só sabem servir e ajudar a todo mundo, mesmo aos que nada fazem. O Estado soviético não pode cultivar tal submissão quase animal, pois pessoas desse tipo não têm exigência moral em relação a seu trabalho, nem em relação ao dos outros.

É verdade que em nosso sistema de produção é impossível a exploração do homem pelo homem, mas há ainda muitos espertalhões dispostos a explorar o trabalho de outrem na vida familiar.

A educação de nossos filhos não pode dar à sociedade seres dispostos a se deixarem explorar; evitemos desenvolver na vida familiar uma tendência a explorar os outros.

Eis porque os pais devem cuidar de que os filhos mais velhos não explorem os mais novos e só devem admitir os casos de ajuda mútua; devem zelar para que reine total equidade na divisão das tarefas.

Resta-nos dizer poucas palavras sobre a qualidade do trabalho. A qualidade do trabalho deve ter a mais decisiva importância: é preciso sempre exigir a mais alta qualidade, exigi-la com seriedade. É certo que a criança é ainda inexperiente, frequentemente incapaz do ponto de vista físico de realizar uma tarefa com perfeição. Por isso, só se deve exigir dela uma qualidade que esteja à altura de suas forças e de sua compreensão.

Não se deve repreender uma criança por seu trabalho mal feito, envergonhá-la ou censurá-la. Deve-se dizer-lhe simples e tranquilamente que o trabalho não é satisfatório, que deve ser modificado, corrigido, refeito. Muito menos se deve fazer o trabalho por ela. Somente em alguns casos raros os pais podem terminar o que está acima das forças da criança, corrigindo desse modo o erro que cometeram encarregando-a de uma tarefa muito difícil.

Somos absolutamente contra as recompensas e as punições no trabalho: a tarefa e sua solução devem proporcionar à criança tal satisfação que a torne contente. Constatar que seu trabalho está bem feito é sua melhor recompensa. Elogiar uma criança por seu espírito de inventiva e empreendimento, por seus métodos de trabalho, é também recompensá-la. Mas não se deve nunca abusar dessas aprovações verbais, nunca se deve felicitá-la por um trabalho feito, diante de seus amigos e conhecidos.

Menos ainda se deve castigar a criança por um trabalho mal feito e não terminado. O mais importante neste caso é obter que o trabalho seja, apesar de tudo, levado a bom termo.